

*AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DO PROJETO “GEOGRAFIA VAI A FEIRA”
REALIZADO PELO PIBID/CAP-UERJ.*

RESUMO

Envolveu-se a comunidade escolar da Escola Municipal Francisco Campos no Rio de Janeiro (RJ) e estagiários do PIBID/UERJ, na investigação das redes geográficas que ocorrem em uma feira varejista e em um estabelecimento hortifrutigranjeiro próximos ao espaço vivido dos educandos do Ensino Fundamental II. Estudando pedagogicamente a organização da cadeia produtiva, as diferentes formas de produção e relações da atividade e o processo de distribuição, circulação e consumo de hortaliças nas grandes cidades, constataram-se as diferenças nas relações sociais e econômicas entre os produtores dos hortifrutigranjeiros, os varejistas e os consumidores finais, influenciando diretamente na percepção topofílica geográfica dos alunos, conformando suas territorialidades. Os resultados foram demonstrados na Feira de Geociências da escola, em painéis gráficos com orientações sobre os vários aspectos que influem na formação dos preços dos alimentos estudados. O produto final foram saladas de frutas e legumes para demonstrar diferenças de sabores, qualidade e custo dos alimentos.

Palavras Chaves: Territorialidade, Hortifrutigranjeiros, Redes, Ensino de Geografia.

RESUMEN

Envolvió la comunidad escolar de la Escuela Municipal Francisco Campos, en Río de Janeiro y los aprendices de PIBID / UERJ, la investigación de redes geográficas que tienen lugar en una feria y el minorista en un establecimiento hortifrutigranjeiro cerca del espacio vivido de los estudiantes. Estudiar pedagógicamente la organización de la cadena de producción, las diferentes formas de producción y las relaciones de la actividad y el proceso de distribución, la circulación y el consumo de verduras en las grandes ciudades, encontraron las diferencias en las relaciones sociales y económicas entre los productores de hortalizas, minoristas y los consumidores finales, que conforman su territorialidad. Los resultados se demostraron en la Escuela Feria de Ciencias de la Tierra, en los paneles gráficos. El producto final eran las ensaladas de frutas y verduras para demostrar diferencias en el sabor, la calidad y el costo de los alimentos.

Palabras Clave: Territorialidad, Hortícolas, Redes, Enseñanza de la Geografía.

ABSTRACT

He wrapped up the school community of the School Francisco Campos in Rio de Janeiro and trainees of PIBID / UERJ, the investigation of geographic networks that take place in a fair and retailer in a hortifrutigranjeiro establishment near the lived space of the students of elementary school II. Pedagogically studying the organization of the production chain, the different forms of production and relations of the activity and the process of distribution, circulation and consumption of vegetables in large cities, found the differences in social and economic relations between the producers, retailers and final consumers, influencing directly in the geographical topofílica perception of students, shaping their territoriality. The results were demonstrated at the Fair School of Geosciences, in graphic panels. The final product were salads of fruits and vegetables to demonstrate differences in taste, quality and cost of food.

Key Words: Territoriality, Horticultural, Networks, Geography Teaching.

Bruno Milan Carneiro de Albuquerque. Email: brunomilan.a@gmail.com.
Universidade Federal Fluminense
– UFF - Mestrando em Geografia.

Fabio Tadeu de Macedo Santana. Email: professorfabiotadeu@gmail.com.
Universidade Federal Fluminense
– UFF - Doutorando em Geografia.

INTRODUÇÃO

Promovido no transcorrer do ano de 2014, o projeto “Geografia Vai Á Feira”, contemplou atividades pedagógicas que visam o desenvolvimento do ensino de Geografia na Educação Básica com alunos do Fundamental II na escola da rede municipal da cidade do Rio de Janeiro, Francisco Campos, situada na Rua Nossa Senhora de Lourdes no bairro do Grajaú. Consiste em um subprojeto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES), recebendo fomento desta, e desenvolvido pelos bolsistas da Licenciatura da Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Amanda Santos, Bruno Albuquerque, Bruno Alves, Daniel Martorelli, Isis Pontes, Juliana Rocha, Leonardo Sul, Luiz Gouvêa, Marcela Cárceres, Marcelo Azevedo, Otavio Rezende, Pedro Rodrigues, Roberto Alvarez, Suelen Vanna, Thiago Domingues e Victoria Lopes sob orientação do coordenador professor Fabio Tadeu Santana do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ) e supervisionado pela professora Silvane Castro, docente de Geografia na Escola Municipal Francisco Campos. Procurou-se promover práticas pedagógicas através de atividades dialógicas em sala de aula e trabalhos de campo, envolvendo a compreensão geográfica do circuito de produção e comercialização de alimentos no estado do Rio de Janeiro, com a intenção de propor análises e reflexões sobre a cadeia de distribuição e formação de preços de hortifrutigranjeiros comercializados na feira livre e em um estabelecimento privado, próximos à escola, analisando a composição dos produtos da alimentação saudável dos educandos da escola conveniada visando também a comunidade no entorno onde vivem os familiares e/ou responsáveis desses mesmos alunos.

Dentro da elaboração dos trabalhos de campo, conforme vários autores (BRANDÃO, 1990; GAJARDO, 1986; QUEIROZ FILHO *apud* VENTURI, 2009) abordam o assunto, realizaram-se reuniões entre os estagiários e a supervisora do projeto onde elaboraram-se listas fechadas com os nomes dos alimentos hortifrutigranjeiros consumidos no cotidiano dos alunos com a adição de outros alimentos pesquisados pelos estagiários que não fazem parte da dieta dos alunos, mas com os mesmos valores nutritivos para didaticamente serem apresentados como substituição aos alimentos que consumidos fora de época ficam conseqüentemente mais caros e com menos qualidade. Dentro das normas de pesquisa, elaboraram-se também questionários com perguntas fechadas para os varejistas visitados. Conforme Davis Gruber Sansolo¹ afirma: “As especificidades do trabalho de campo em Geografia, quando são abordadas, em sua maioria descrevem os aspectos técnicos voltados ou ao conhecimento preliminar de uma determinada localidade, ou a técnicas de levantamento de dados relativos às especialidades inerentes à geografia física ou a geografia humana (CARVALHO, 1941; RUELLAN, 1944; GEORGE, (s.d.); TROPPEMAIR, 1988). Entretanto, enquanto fase de uma metodologia de pesquisa, geralmente apresentam-se como parte da lógica formal da ciência moderna, ou seja, como uma fase que confirmará ou não a hipótese, segundo as mensurações e observações estabelecidas.”.

¹

Em

<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal6/Teoriaymetodo/Metodologicos/549.pdf> acessado em 15/03/2015.

A operacionalização do trabalho utilizou os questionários fechados que foram aplicados aos varejistas na feira-livre e no estabelecimento comercial, contando ainda com a observação empírica dos preços dos alimentos listados e sua anotação para análise em sala de aula. Mostraram-se os resultados obtidos durante a feira de ciências da escola, com a distribuição de um lanche saudável, com frutas e legumes, demonstrando didaticamente a diferença entre o consumo de frutas e legumes da estação apropriada e versus os ofertados fora da sua estação, observando-se sabor, qualidade e custo da alimentação junto à comunidade escolar.

Introduzindo Haesbaert (2004), apreende-se duas acepções do termo território que podem ser definidas pela acepção de território como material e pela acepção de território como subjetivo. Na acepção de território material, remete-se ao território enquanto um substrato material particular onde formas físicas e naturais prevalecem, conformando seus atores em seus fluxos e fixos dentro de seus limites e características físicas como, por exemplo, os territórios definidos em regiões naturais tais como as regiões brasileiras do IBGE ou os diversos territórios políticos administrativos dos municípios, estados e na esfera nacional, do Brasil. Na acepção de território subjetivo, remete-se ao simbolismo que um substrato material particular pode trazer, onde a materialidade que o conforma é a percebida pelos seus agentes que estão usando-o, que formam seus fluxos conforme suas necessidades de uso deste território. Através das redes geográficas horizontais e verticais (SAQUET, 2010) os agentes no território vão conformando a sua territorialidade baseados em controles territoriais econômicos, culturais e sociais, onde esses controles são baseados nas relações de troca dialéticas em diferentes escalas, sempre em constante transformação. Essas territorialidades subjetivas que vão se formando no território, coexistem simultaneamente e são conformadas pelos seus fixos podendo ter significados diversos e operando em diversas escalas e interações por vezes opostas entre si.

Os fluxos gerados pelas investigações conformam as redes geográficas que influem na formação da territorialidade formada pelo próprio projeto. Como metodologia, o trabalho teórico contou com a análise dos estudos de diferentes autores como, por exemplo, Ribeiro (2000), Haesbaert (2004), Saquet (2010), sobre os conceitos de redes geográficas, território e territorialidade.

O TRABALHO DE CAMPO: OS PROCESSOS METODOLÓGICOS E RESULTADOS

A escola municipal Francisco Campos caracteriza-se por atender as crianças e adolescentes do bairro do Grajaú, principalmente da comunidade próxima do morro dos Macacos. Esses alunos se dividem dentro do ensino Fundamental I e Fundamental II e sua reprodução social é estritamente urbana. Não têm contato com elementos rurais ou de produção agrícola no seu dia a dia. O contato com a produção de alimentos acontece no comércio. Por isso foi importante investigar na feira livre e no estabelecimento hortifrutigranjeiro as relações que se fazem na produção agrícola. Nas reuniões entre os estagiários e supervisora, foi construído o roteiro dos trabalhos de campo que foram determinados em dois momentos diferentes do ano para que se observassem empiricamente as diferenças sazonais dos alimentos pesquisados. Foram analisadas a demanda da produção diferenciada entre duas estações do ano singulares, explicando como essas diferenças ocorreram e como conformam territorialidades distintas, mobilizando a comunidade escolar, professores, supervisor, estagiários e coordenador do projeto. Determinado estes roteiros, reuniu-se os alunos para orientá-los quanto os procedimentos que seriam adotados nas visitas a feira livre e ao estabelecimento varejista HORTIFRUTI. Elaborando uma estratégia dialógica, orientaram-se os

educandos a refletirem sobre a cadeia produtiva e a qualidade dos alimentos que consomem cotidianamente.

As pesquisas foram feitas nos trabalhos de campo já citados nos meses de Julho e Novembro do ano de 2014, nas estações do ano outono e primavera visando através dos dados coletados, observarem a sazonalidade da oferta dos alimentos, a oscilação dos respectivos preços, conhecerem os fornecedores para entender a cadeia produtiva no campo assim como as redes de distribuição dos hortifrutigranjeiros e como elas são importantes na composição dos preços desses produtos para os consumidores finais. Os dados obtidos foram levados para a sala de aula onde os alunos relacionaram a oferta dos alimentos às estações climáticas onde se encontravam, sendo elas as estações do ano outono e primavera. As listas preenchidas com os preços obtidos por produto foram estudadas e debatidas entre os estagiários e supervisora com os educandos para que estes últimos apreendessem sobre as sazonalidades presentes na produção e aprenderem a substituir alimentos caros fora da estação de plantio por alimentos mais baratos dentro da estação de plantio. Também sobre a análise das listas apreenderam-se didaticamente os processos intermediários na distribuição dos alimentos que influenciam na elaboração dos seus preços aos consumidores finais.

Sobre o espaço físico visitado, os alunos puderam constatar que os varejistas da Feira livre organizam-se próximos da Escola, na Rua Mendes Tavares (Figura 1) ocupando toda a extensão desta rua marcando seu território físico como temporário, pois existe somente em um dia da semana. Após esse dia este território físico se desfaz. Portanto este é caracterizado por ter um momento próprio seguido de outro momento do seu esfacelamento quando os feirantes desmontam suas barracas e desocupam a rua "devolvendo-a" para o uso público de pedestres e carros.

Figura 1 – Trajeto da Escola Municipal Francisco Campos a Rua Mendes Tavares



Fonte: Google Maps

Esta temporalidade existe na Rua Mendes Tavares que se localiza no bairro de Vila Isabel, zona norte da cidade do Rio de Janeiro, tendo como limites a Rua Visconde de Santa Isabel na altura do número 108 e a Rua Nossa Senhora de Lourdes na altura do número 20. Sendo cortada transversalmente na altura do seu número 71 pela Rua Teodoro da Silva e na altura do seu número 20 pela Rua Barão de Cotegipe, tem, portanto, três quarteirões em uma extensão de quinhentos metros. Um conhecido fixo desta rua situado na esquina da Rua Nossa Senhora de Lourdes é o conjunto residencial Condomínio Vila Rica que faz parte de um conjunto de prédios conhecidos como

“Tijolinho” pela sua aparência singular, porte e estrutura residencial e que conta com vários serviços internos de lazer e que ainda abriga em seu espaço residencial uma escola municipal e uma praça pública. Não há comércio expressivo nesta rua formada em sua maioria por construções com gabarito de um a três pavimentos com características residenciais originárias das décadas de 1960 a 1970 do século XX.

Foram importantes estas conclusões para que o debate em sala de aula após as coletas de dados enriquecesse e para que os alunos apreendessem mais o contexto do comércio de hortifrutigranjeiros nos dois estabelecimentos visitados. Como puderam constatar, os feirantes se caracterizam pelo comércio de diversos alimentos hortifrutigranjeiros. Funcionam em barracas onde estabelecem uma especialização através da venda de determinados produtos pontuais. Então há os que vendem somente frutas, outros que vendem somente legumes, outros que vendem somente hortaliças e outros que somente vendem carne e derivados de frango ou somente peixes oferecidos em várias espécies. Há também feirantes que comercializam somente um tipo de fruta ou legume, sempre os tipos destes alimentos que são mais consumidos como laranjas, bananas, tangerinas, batatas inglesas e abóboras.

Já o estabelecimento varejista HORTIFRUTI tem um território físico permanente no espaço geográfico por constituir-se em um comércio com estrutura fixa no número 2683, loja A, da Rua Barão do Bom Retiro, também próximo da Escola Municipal Francisco Campos (Figura 2). Esta rua tem característica de ser comercial sendo também residencial com construções de gabarito variado, desde casas de um pavimento até prédios de apartamentos com mais de dez pavimentos. É uma importante via de ligação entre os bairros do Andaraí, Vila Isabel, Grajaú e Engenho Novo sendo também acessada pelos veículos em direção a Estrada Grajaú-Jacarépaguá em direção a Zona Oeste da cidade. Há diversas linhas de ônibus que utilizam esta via que possui uma extensão de cerca de quatro quilômetros, cortando várias ruas transversais importantes e tem como limites a Rua Borda do Mato número 2 e a Rua Barão de Mesquita número 1108 de um lado e de outro lado a Rua Vinte e Quatro de Maio na altura da Estação da linha férrea Engenho Novo, administrada pela empresa Supervia. O estabelecimento HORTIFRUTI se configura em um tipo de empresa de médio porte fazendo parte de uma rede de lojas situadas em variados pontos da cidade. Seus produtos hortifrutigranjeiros são variados sendo ofertados legumes, frutas, carne de frango e derivados e carne de boi. Há outros serviços que compõem este fixo como entrega das compras dos clientes em domicílio, informativos sobre os alimentos vendidos e venda de sucos de diversas frutas.

Houve a compreensão dos alunos nas aulas que se seguiram de que há diferenças nas relações sociais e econômicas travadas entre os produtores dos hortifrutigranjeiros, os feirantes, o comércio varejista HORTIFRUTI e os consumidores finais, que influem diretamente na percepção topofílica geográfica dos alunos do ensino básico e seus espaços vividos. Esta forma de investigação geográfica analisou como os produtos chegam aos consumidores, ensinando os alunos envolvidos no projeto a construção empírica do entendimento da sazonalidade da produção, circulação, distribuição e consumo, permitindo a compreensão da cadeia e sua influência no mercado de preço ao consumidor final.

Figura 2 – Trajeto da Escola Municipal Francisco Campos para o HORTIFRUTI



Fonte: Google Maps

A apresentação dos primeiros dados levantados e analisados com os alunos culminou em uma apresentação de quatro painéis impressos com estes resultados que serão detalhados no próximo item sobre a Feira de Ciência e a confecção de uma refeição saudável, com frutas e legumes, com o intuito de mostrar didaticamente a diferença entre o consumo de frutas e legumes da estação apropriada e o consumo de frutas e legumes ofertados fora da sua estação, observando-se sabor, qualidade e custo da alimentação junto à comunidade escolar.

Realizada no dia quatro de Novembro de 2014, a partir das nove horas da manhã na quadra da Escola Municipal Francisco Campos, a Feira de Ciências foi um evento que é presente no calendário da escola em tela e que anualmente é realizado pelos alunos e professores das diversas disciplinas desta escola. Neste evento em particular, os bolsistas autores deste artigo participaram interagindo no meio escolar com a apresentação do projeto “Geografia Vai à Feira” e seus resultados para todas as turmas do turno da manhã, sendo participantes do evento também as classes de Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Educação Especial.

Figura 3 - Exposição dos painéis e de amostras de uma receita saudável na quadra de esportes da Escola Francisco Campos



Foto: Tirada por Albuquerque, B.M.C.

Houve mostras de trabalhos realizados pelos alunos, desenvolvidos ao longo do ano de 2014 nas diversas disciplinas que eles possuem na escola, sendo os próprios alunos a apresentarem aquilo que desenvolveram, colocando em prática aquilo que foi apreendido e aprendido durante o ano letivo nessas diversas disciplinas.

As duas turmas existentes do sexto e do sétimo anos do Ensino Fundamental apresentaram projetos de conteúdos referentes a diversas disciplinas. E à disciplina de Geografia, foram apresentadas maquetes e as apresentações e outros projetos de geomorfologia executados, com tipos de solo, curvas de nível entre outros elementos elaborados em grupo em sala de aula, coordenados pela professora Silvana Castro, docente de Geografia na escola e supervisora do projeto “Geografia Vai A Feira”. Mais especificamente ao projeto em tela foram apresentados os dados obtidos e discutidos com os educandos sobre o tema da circulação dos hortifrutigranjeiros e coletados nos trabalhos de campo que foram de vital importância para a obtenção dos resultados apresentados. Esses resultados foram visualizados através de painéis impressos confeccionados que foram utilizados como recurso visual para esta exposição ao corpo docente e discente e outros públicos da escola. A partir de tal recurso os alunos das turmas em tela, apresentaram o projeto “Geografia Vai A Feira” a toda a escola, sendo eles próprios a apresentarem, como foi dito anteriormente, sendo os bolsistas presentes naquele momento um auxílio em caso de dúvidas, tanto por parte dos alunos que participaram da atividade, tanto como a professores e outros alunos que se interessaram mais a fundo sobre isso. Ficaram expostos no total quatro painéis gráficos na quadra de esportes da escola, a saber:

- 1) O painel sobre o Projeto “Geografia Vai A Feira”, que apresentou a introdução e a descrição geral do Projeto e que foi utilizado no evento da 14ª Semana da Graduação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro chamado UERJ SEM MUROS para legitimar e explicar a existência da atividade na Escola Municipal Francisco Campos, explicitando seus objetivos para seus alunos, professores e público presente na Feira de Ciências.

2) O painel de “FRUTAS DA ESTAÇÃO E SUA DISPONIBILIDADE NA FEIRA”, que elucidou sobre o que é a alimentação saudável em seu sentido amplo e sobre quais estações são produzidas determinadas frutas e legumes, elucidando que determinados alimentos continuam a serem produzidos mesmo estando fora de sua estação própria e o que tal acontecimento acarreta diretamente no preço que será pago pelo consumidor, além da explicação do que é Segurança Alimentar e como ela interfere na comercialização.

3) O painel de “OS TIPOS DE TRANSPORTE” que abordou os tipos de transportes utilizados na locomoção dos alimentos até a chegada a Feira livre e ao estabelecimento comercial varejista HORTIFRUTI, mostrando as vantagens e desvantagens de cada tipo de transporte, buscando explicar mais fatores determinantes nos preços e que influi na qualidade do produto que será consumido, pois dependendo da duração da viagem ou das condições de armazenamento, o alimento pode chegar ao seu destino menos fresco do que o recomendável.

4) O Painel sobre “GRÁFICOS COMPARATIVOS” que apresentou dois gráficos, onde foram comparados os dados obtidos através dos levantamentos em trabalho de campo com os educandos na Feira livre e no estabelecimento comercial Hortifruti em diferentes estações. A comparação fora feita com os preços de alguns produtos mais presentes na mesa do consumidor, a fim de visualizar a variação de preço dos mesmos em estações diferentes.

Os painéis ficaram expostos (Figura 4) para a melhor visualização dos visitantes da Feira e funcionaram como um poderoso auxílio para os educandos poderem assimilar e explicar os dados representados. Esses materiais visuais foram confeccionados com o apoio do CAPES e hoje constam do acervo do Projeto que fica sob a guarda do CAP-UERJ.

A importância na educação alimentar ficou explicitada com a oferta de saladas de frutas e de legumes ao final das apresentações para os ouvintes e visitantes da Feira. Sobre essas saladas de frutas e legumes, nos resumimos neste trabalho a descrever que foram confeccionadas com alimentos selecionados entre os produtos da estação e encontrados na feira livre e no HORTIFRUTI. A combinação deles foi apropriada à dieta nutritiva dos educandos para que apreendessem o valor de hortifrutigranjeiros que são rejeitados por vários fatores sociais e econômicos atingindo um dos objetivos educativos do projeto junto à comunidade escolar na orientação de uma melhor alimentação diária que esteja dentro do orçamento familiar.

Procurou-se compreender a organização da cadeia produtiva e suas territorialidades, esclarecendo as diferentes formas de produção e relações da atividade como os processos de distribuição, circulação e consumo de hortaliças nas grandes cidades, de forma didática dentro do currículo da matéria de Geografia ministrada para as turmas envolvidas. Exemplificando-se aos alunos da escola a diferenciação e o tipo de interação geográfica que influi diretamente na produção e comercialização da feira-livre e do grande estabelecimento comercial, estudaram-se as redes geográficas e suas interações referentes à produção e a sazonalidade hortifrutigranjeira no Estado do Rio de Janeiro.

Portanto o território que se estabelece para os varejistas dos produtos hortifrutigranjeiros pesquisados é formado pelas relações de comercialização e distribuição através dos atravessadores dos alimentos produzidos que os atores envolvidos mantêm entre si e com os consumidores finais. Essas relações comerciais estabelecem dependências e interdependências entre os fixos geográficos envolvidos,

em verdadeiras relações de poder quando da definição da oferta dos alimentos por parte dos varejistas e da procura desses alimentos por parte dos consumidores finais, influenciando também tanto na oferta desses produtos como nos preços finais destes.

Figura 4 – Mosaico com os painéis gráficos expostos na Feira de Ciências da Escola Municipal Francisco Campos.



Fonte: CAP-UERJ

O geógrafo italiano Giuseppe Dematteis, definiu o conceito de territorialidade conformado através das interações entre os seus elementos. As territorialidades da Feira livre e do estabelecimento HORTIFRUTI se manifestam através das normas impostas nas relações que se fazem entre produtores e a varejistas ou vice-versa, no território dos mesmos. Assim define Dematteis sobre “as relações geográficas verticais e horizontais” em Saquet (2010, p.112):

(...) o que denomina de *sistema local territorial (Slot)*: é um conjunto dotado de identidade, sendo que os sujeitos que o compõem são capazes de definir comportamentos *coletivos*; o local é um *nó* articulado em redes tendencialmente planetárias, na forma de um acoplamento de relações recíprocas e em unidade (grifos do autor).

Lugar é um conceito geográfico que está imbricado com o conceito geográfico de território enquanto lócus da interação entre os elementos no substrato material analisado, corroborando o conceito de “nó” que engendra as redes geográficas, que são as teias de interações verticais e horizontais entre os agentes sócio-espaciais (SOUZA, 2013).

Então como entendido acima, a territorialidade de um local ou lugar é regida por esse sistema que Dematteis (SAQUET, 2010) denominou de “Slot” e que define as características particulares das ações e características referentes a todos os elementos neste local ou lugar, os quais se articulam em “nós” entrelaçando as relações e interações horizontais e verticais que se constroem a partir de pontos fixos que produzem os fluxos materiais ou imateriais entre eles, que permeiam o seu local ou

lugar de origem e os interligam a outros locais ou lugares, muitos transescalares, denominando-se de redes geográficas essas interações através dos pontos fixos que constroem o local ou o lugar particular. Entende-se em última análise que o local descrito por Dematteis, que pode ser o lugar, também pode ser definido como um substrato material particular (SOUZA, 2013). Este substrato material particular pode ser estudado como um território-rede a partir dos varejistas de hortifrutigranjeiros e os consumidores finais, com todos os elementos materiais ou imateriais conformando suas características dentro do conceito geográfico de território.

Partindo da premissa que estamos estudando um lugar particular que corresponde a um território particular, se estudou o território de atuação dos varejistas e consumidores finais no espaço geográfico. Conceituando este território, define-se a territorialidade com as redes geográficas. As redes geográficas podem ser verticais ou horizontais conforme as escalas em que os elementos que as compõem atuam. Os elementos que compõem as redes geográficas são os pontos fixos dentro de um território que interagem entre si através de fluxos que determinam as características das redes geográficas em que estão inseridos. Esses pontos fixos podem ser os consumidores finais, as barracas dos varejistas e seu conjunto, o imóvel onde se localiza o estabelecimento HORTIFRUTI, os atacadistas, ou qualquer outro elemento que esteja produzindo interações do ponto onde está localizado com outros pontos em outras localizações, dentro ou fora território estudado. Essas interações podem ser de diversas naturezas, desde uma simples troca de produtos até troca de informações de controle e administração no território em que as interações estão inseridas. Quando essas interações se fazem através de elementos localizados em uma mesma escala cartográfica ou em uma mesma escala de processo espacial tal como os processos de produção, econômico, de trabalho, sociais, políticos e outros, conformam as redes geográficas horizontais, como por exemplo, os varejistas de hortifrutigranjeiros e seus consumidores que interagem entre si. Os varejistas interagem com os atravessadores e produtores dos alimentos que vendem e estão em uma mesma escala geográfica e dentro de um mesmo processo produtivo, social, político e econômico. Se essas interações se fizerem através de elementos localizados em diferentes escalas geográficas ou em diferentes escalas de processos espaciais, que são os mesmos já citados, conformarão as redes geográficas verticais citadas em Saquet (2010). O conjunto das interações horizontais e verticais entre os elementos que compõe um espaço geográfico definido vai formar um território e que vai ter a característica de ser flexível, obedecendo às transformações que as redes geográficas vão operar. Cada territorialidade formada pelas redes geográficas é uma mistura dos elementos sociais que as conformam (HAESBAERT, 2004).

Cada varejista seja na Feira livre ou no HORTIFRUTI é um ponto fixo onde se originam os fluxos horizontais em direção aos outros varejistas e consumidores, em forma de informações técnicas sobre os produtos e outras interações sociais e em direção aos atravessadores e produtores dos alimentos, que tem o papel único nestas redes que configuram e transformam o território em que se insere a distribuição desses hortifrutigranjeiros, caracterizando as redes horizontais formatadas nesta organização espacial como fluxos de informações técnicas, de controle da produção, transporte desses produtos ao seu destino e sua formação de preços.

Portanto as territorialidades formadas são compostas pelas redes geográficas horizontais formadas pelos atores no território formado que são os citados varejistas da Feira livre e do estabelecimento HORTIFRUTI, seus consumidores além dos atravessadores e produtores dos hortifrutigranjeiros. Os produtores estabelecem o preço e a qualidade iniciais dos alimentos na ponta da cadeia de distribuição e comércio, interagindo com os atravessadores que transportam e revendem sua produção para os

varejistas. Dependendo da escala geográfica que operam esses atravessadores, dependendo de lógicas de distribuição regionais ou nacionais, constituem-se relações geográficas verticais, pois interagem os produtores em suas escalas locais com atravessadores que atuam em escalas maiores. Os atravessadores identificados na pesquisa feita são de tipos variados. Na Feira livre foram identificados como distribuidores e atravessadores depósitos de frutas e legumes, lugares de distribuição como CEASA e CADEG e varejistas que produziam seus próprios produtos para venda. Para o HORTIFRUTI os atravessadores operam em uma escala maior tanto geográfica como produtiva, com a exigência de maior qualidade nos alimentos ofertados, compondo outras interações geográficas verticais e horizontais, inclusive com seus consumidores que parecem ser mais exigentes quanto à qualidade e a infra-estrutura oferecida pelo estabelecimento para suas compras, influenciando um ligeiro aumento de preços em relação à feira livre. Os consumidores finais dos produtos da feira livre são mais tolerantes quanto a uma possível má qualidade oferecida nos alimentos se esta influir nos preços destes, barateando-os. Não há conforto ao trafegar na feira livre nem serviços adicionais além dos básicos que possibilitem a compra e venda dos varejistas para os consumidores. É importante salientar que tanto na feira livre como no HORTIFRUTI, há relações de poder entre os atores, conformando outras interações geográficas horizontais e verticais e as suas conseqüentes territorialidades. Essas relações de poder se fazem presentes quando algum ator tem o controle da oferta ou da demanda dos produtos vendidos. Isto acontece do produtor ao consumidor final quando a oferta ou a demanda de produtos estão baixas e influenciam os preços finais e interfere no lucro dos comerciantes dentro da cadeia de distribuição. A demanda dos consumidores por certos alimentos contribui na sua oferta estar sempre presente nestes espaços. Uma imaterialidade se forma nesses territórios por conta destes processos e interfere na alimentação das famílias envolvidas na comunidade escolar. O projeto Geografia Vai à Feira objetivou a reeducação alimentar alterando esses territórios imateriais formados por esses processos de oferta e demanda no circuito de comercialização dos hortifrutigranjeiros estudados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na Feira de Ciências em tela, a comunidade escolar beneficiou-se dos resultados deste projeto enquanto prática educativa para a reeducação alimentar coletiva tanto dentro da merenda escolar como para as famílias em suas refeições cotidianas. Os produtos visuais em painéis impressos e a explanação dos estudantes sobre o entendimento que tiveram acerca desses culminando com o consumo das saladas de frutas e legumes, justificaram a importância do evento para o Projeto "Geografia Vai A Feira", que envolveu toda a comunidade escolar da Escola Municipal Francisco Campos, os estagiários PIBID/CAP-UERJ e os professores coordenadores.

Conforme Accioly (2009):

(...) O escolar, é via de regra, a criança entre 7 a 10 anos. Embora ainda se encontre em crescimento, nesta fase, o ritmo é menos acelerado em comparação à fase anterior (pré-escolar) e a seguinte (puberdade/adolescência). É uma fase de intensa integração social estabelecendo a criança grupos de convivência no bairro onde reside, na escola, em espaços de lazer e convivência.

A família com seus costumes e cultura particulares tem uma influência enorme sobre os educandos, pois como não poderia ser diferente, é onde se origina toda a educação humana, conformando a territorialidade da família e posteriormente a do educando. A Escola é espaço privilegiado por poder legitimar políticas públicas voltadas à educação social de modo abrangente, mas tem seu limite. Mesmo assim, a comunidade escolar deve trabalhar para a condução de práticas sociais sadias e que melhorem a convivência e o bem-estar da sociedade. Colocamos Accioly (2009) de novo em tela:

Considerando a escola como espaço de convivência e de troca de vivências a experiência alimentar na escola pode ser levada ao núcleo familiar e, nesse aspecto, destaca-se o papel da merenda escolar. Uma escola promotora de saúde estimula, através do programa de alimentação escolar, boas práticas de alimentação e estimula na comunidade, a busca por escolhas alimentares mais saudáveis e sustentáveis (ABERC, 2008).

A obtenção de um cardápio saudável com as frutas e legumes da época com baixo custo foi um dos produtos alcançados pelo projeto e trazidos para a Feira de Ciências. Pesquisas recentes apontam que a obesidade e a desnutrição infantil e juvenil entre alunos das escolas de Ensino Fundamental e Médio vêm aumentando ao longo dos anos devido à desinformação acerca dos valores nutricionais que devem ser perseguidos para o crescimento do corpo humano nesta faixa etária bem como a ausência de políticas públicas que levem em conta a necessidade de reeducação alimentar para estes jovens e crianças nas redes de escolas públicas em todo o Brasil. Conforme é citado em Medeiros (2011):

O padrão crescente de obesidade infantil pode levar a consequências negativas em curto e longo prazo. A longo prazo confere um risco aumentado para uma série de doenças, que podem ser divididas em seis grupos, a saber: doenças cardiovasculares (hipertensão, doença arterial coronariana e acidente vascular cerebral); desordens metabólicas (dislipidemias e diabetes mellitus); doenças respiratórias (apnéia do sono); certos tipos de câncer; calculose biliar; e doenças osteoarticulares (...).

A falta de conhecimento da comunidade escolar sobre as redes geográficas formadas pela produção de hortifrutigranjeiros que são comercializados e vendidos nos estabelecimentos varejistas, agrava o problema da má ingestão de alimentos desconhecendo-se sua importância nutritiva para os jovens na faixa etária dos alunos envolvidos no projeto. Essa importância advém da necessidade de nutrientes que esses jovens têm que ingerir nesta fase de suas vidas enquanto seus corpos se desenvolvem tanto fisicamente como cognitivamente. A aprendizagem escolar pode ficar prejudicada uma vez que não há nutrientes suficientes para a formação física geral.

O desconhecimento dos nutrientes necessários alia-se ao desconhecimento das combinações possíveis de hortifrutigranjeiros que podem ser ingeridas a baixo custo dependendo da época do ano. Há legumes, verduras e frutas que podem ser substituídos

mantendo-se seu custo de consumo em um mesmo patamar, de acordo com seus valores nutricionais aproximados.

Para esse objetivo, o projeto contribuiu com as saladas de frutas e legumes da estação a fim de demonstrar a possibilidade de ser feita essa nutrição de forma igual durante o ano todo ao mesmo custo para as famílias envolvidas na comunidade escolar e oferecendo um modelo de merenda a ser servida nas escolas municipais envolvidas.

Sendo assim, citamos Maldonado (2007):

(...) No entanto, pesquisas vêm demonstrando que, atualmente, o ambiente escolar contribui de forma sistemática para a adoção de práticas alimentares consideradas não saudáveis por crianças. A maioria dos lanches vendidos e/ou preparados nas cantinas escolares encontra-se com baixo teor de nutrientes e com alto teor de açúcar, gordura e sódio (...).

Accioly (2009) corrobora a afirmação acima, afirmando neste trecho:

(...) Os estudos nacionais sobre consumo e disponibilidade domiciliar de alimentos apontam que, num período aproximado de 30 anos, importantes mudanças no padrão alimentar da população brasileira foram observadas, dentre elas aumento do consumo de açúcar, baixo consumo de frutas, legumes e verduras, consumo elevado de gorduras totais e de gordura saturada (gordura animal) e redução do consumo de alimentos tradicionais na dieta brasileira como leguminosas (ex: feijões), tubérculos (ex: batatas) e raízes (ex: mandioca) (IBGE, 1977, 2003). Tais mudanças constituem importantes determinantes dos índices crescentes de excesso de peso, tanto na população adulta, quanto infantil (IBGE, 2003).

A sociedade, portanto, tem uma enorme responsabilidade na condução das práticas e costumes alimentares, pois a despeito das políticas públicas como o fornecimento de merenda escolar para as escolas brasileiras ser reconhecido em nível internacional como o um dos maiores esforços de reeducação alimentar no mundo (ACCIOLY, 2009), a comunidade escolar pode fazer forte resistência causando resultados negativos nos índices de saúde alimentar que pretendem ser alcançados.

A Escola, principalmente a municipal, é um importante e senão fundamental lugar de mudanças educacionais para a população mais carente socialmente que por razões econômicas inclusive, não tem acesso a alimentos menos calóricos, orgânicos ou considerados próprios para uma boa alimentação em termos de nutrientes. A solução passa pela escolha dentro do seu poder aquisitivo de alimentos que não são consumidos e rejeitados por falta de conhecimento e informação. Esse papel, o ambiente escolar pode desempenhar para levar para dentro do núcleo das famílias a reeducação alimentar que possa condizer com suas realidades econômicas e sociais.

Portanto, a Feira de Ciências da Escola Municipal Francisco Campos foi um importante lócus de empiria acadêmica para a aplicação dos conhecimentos obtidos pelos pesquisadores do projeto “Geografia Vai A Feira” junto aos alunos em Geografia, corroborando Accioly (2009) quando a autora afirma:

(...) Atividades didático-pedagógicas: O alimento pode ser inserido no processo educativo, não apenas em disciplinas relacionadas às ciências da biologia e da saúde, mas em todas as áreas do conhecimento (ABERC, 2008): (...) Na geografia e história: explorar o papel econômico e cultural dos alimentos, sua origem e usos; (...).

Para o ensino de Geografia foi uma conquista realizar o evento avançando sobre formas pedagógicas de tornar palpáveis as abstrações sobre redes geográficas formadas pelo ciclo produtivo de hortifrutigranjeiros para os alunos do sexto e sétimo ano do Ensino Fundamental da supracitada escola demonstrando como afetam seu espaço vivido e sua saúde cotidianamente, fornecendo conhecimentos sobre alimentos dentro dos conceitos da Geografia, trazendo-os para a realidade do aluno, tornando-se mais palpável sua assimilação na escola.

REFERÊNCIAS

- ACCIOLY, Elizabeth, A escola como promotora da alimentação saudável, in Revista Ciência em Tela, UFRJ, Rio de Janeiro, 2009; Número 2, Vol 2. Disponível em: <http://www.cienciaemtela.nutes.ufrj.br/artigos/0209accioly.pdf>, acessado em 31 Janeiro de 2015.
- BRANDÃO, C.R. (Org.) - Pesquisa Participante - São Paulo, Brasiliense, 1990, 221p.
- GAJARDO, Marcela - Pesquisa Participante na América Latina - Trad. PELLEGRINI, T., São Paulo, Brasiliense, 1986, 94p.
- HAESBAERT, Rogério C., O mito da desterritorialização, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2004.
- MALDONADO, L.A., Azevedo, A.M.F., Emília Santos Caniné, E.S., Castro, I.R.R. de, Regulamentação da Comercialização de Alimentos em Escolas no Brasil: Experiências estaduais e municipais, Ministério da Saúde, Brasília:2007.
- MEDEIROS, C.C.M, Cardoso, M.A.A., Pereira, R.A.R., Alves, G.T.A., França, I.S.X. de, Coura, A.S., Carvalho, D.F. de, ESTADO NUTRICIONAL E HÁBITOS DE VIDA EM ESCOLARES, In Revista Brasileira de Crescimento Desenvolvimento Humano, Universidade de São Paulo: 2011; 21(3): 789-797.
- QUEIROZ FILHO, A.P., A ESCALA NOS TRABALHOS DE CAMPO E DE LABORATÓRIO, in VENTURI, L.A.B. (org.), PRATICANDO A GEOGRAFIA – técnicas de campo e laboratório, São Paulo: Oficina de Textos, 2009.
- SANSOLO, D.G., A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DE CAMPO NO ENSINO DE GEOGRAFIA E PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL, de <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal6/Teoriaymetodo/Metodologicos/549.pdf> acessado em 15/03/2015.
- SAQUET, Marcos A., ABORDAGENS E CONCEPÇÕES DE TERRITÓRIO, São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2010.
- SOUZA, M. L. de, Os Conceitos Fundamentais da Pesquisa Sócio Espacial, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2013.